



Paz, justiça e instituições eficazes: prevenção da violência em escola pública

Peace, justice and strong institution: violence prevention in a public school

Yan Liszt Ximenes Medeiros, Designer Gráfico, Universidade do Estado de Minas Gerais; Suellen Mota Marques Costa, Mestre em Construção Civil, Universidade do Estado de Minas Gerais; Cláudio Santos Rodrigues, Mestre em Design, Universidade do Estado de Minas Gerais; Rita de Castro Engler, pós-doutora em Design Social, Universidade do Estado de Minas Gerais

yanliszt@gmail.com; suellenmc@hotmail.com; claudio.rodrigues@uemg.br;
rita.engler@gmail.com

[Linha temática: T8. Ensino em sustentabilidade]

Resumo

Este trabalho destinou-se a responder a seguinte pergunta-problema: como o Design Gráfico poderia contribuir para a prevenção da violência em uma escola pública? O objeto de estudo foi uma instituição de ensino pública, de nível fundamental, situada no município de Belo Horizonte, na qual havia casos de violência entre os estudantes de 11 a 14 anos. O objetivo foi planejar, executar e avaliar ações para prevenção da violência entre os aprendizes. O método foi a realização de duas oficinas de produção de cartazes para a prevenção da violência, as quais foram seguidas pela elaboração de uma intervenção artística na face interna de um dos muros da escola. Os resultados apontam que o Design Gráfico pode contribuir criando e/ou fortalecendo as redes de apoio para prevenção da violência.

Palavras-chave: Sustentabilidade; Agenda 2030; Prevenção do Crime; Design Contra o Crime; Educação.

Abstract

This work aimed to answer the following problem-question: how could Graphic Design contribute to the prevention of violence in a public school? The object of study was a public elementary school located in the city of Belo Horizonte, where there were cases of violence among students between 11 and 14 years old. The goal was to plan, execute and evaluate actions to prevent violence among students. The method consisted of carrying out two workshops for the production of violence prevention posters, followed by the elaboration of an artistic intervention on the inner face of one of the school's walls. The results indicate that Graphic Design can contribute by creating and/or strengthening support networks for violence prevention.

Keywords: Sustainability; Agenda 2030; Crime Prevention; Design Against Crime; Education.



1. Introdução

Nas escolas públicas brasileiras, não são raros os episódios de violência. Silva e Negreiros (2020), elaboraram uma revisão sistemática de trabalhos desenvolvidos sobre a violência em escolas públicas desse país de 2014 a 2018. Os autores concluíram que a violência escolar está presente em todos os segmentos sociais e pode ocorrer de forma física ou verbal. Conforme AGÊNCIA SENADO (2022), especialistas ouvidos em audiência pública da Comissão de Educação afirmaram que o aumento de casos de agressões nas escolas é um grande desafio para o Brasil. A prevenção da violência em países em desenvolvimento está prevista na 16ª meta do desenvolvimento sustentável, Paz, Justiça e Instituições Eficazes, aparecendo de forma mais detalhada no item 16a (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS BRASIL, 2023).

16.a Fortalecer as instituições nacionais relevantes, inclusive por meio da cooperação internacional, para a *construção de capacidades* em todos os níveis, em particular *nos países em desenvolvimento*, para a *prevenção da violência* e o combate ao terrorismo e ao crime. (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS BRASIL, 2023, s/p., grifos nossos).

Segundo Castelli (2008), nem sempre são necessários agentes de segurança para prevenir pequenos delitos. Nesse sentido, o design poderia contribuir por meio da construção de uma cultura de prevenção. A abordagem Design Contra o Crime (*Design Against Crime*) é estudada há décadas em países de língua inglesa, com destaque para o *Design Against Crime Research Lab*, que reúne pesquisadores dedicados ao tema na *University of the Arts London (UAL)*, no Reino Unido.

Isto posto, construiu-se a pergunta-problema deste trabalho: como o Design Gráfico poderia contribuir para a prevenção da violência em uma escola pública? O objetivo foi planejar, executar e avaliar ações, pelo viés do Design Gráfico, com vistas à prevenção da violência entre os aprendizes.

2. Fundamentação teórica

Silva *et al.* (2018, p.17) definem que “A abordagem 'design contra o crime' utiliza o design como ferramenta de modificação da percepção do benefício do crime identificado pelo transgressor, atuando no desenvolvimento de produtos, serviços e ambientes como forma de prevenção.”. No Reino Unido, Lorraine Gamman lidera o centro de pesquisa *Design Against Crime Research Lab* há mais de 25 anos, por meio do qual ela e sua equipe têm abordado o crime (e outros problemas sociais) utilizando-se de ferramentas do design (GAMMAN, 2022).

Gamman (2022) classifica a evolução do Design Contra o Crime em quatro estágios. No primeiro nível, o de menor complexidade, o foco está no design tradicional, direcionado para produtos e marcas. Por sua vez, na segunda etapa, o foco está em serviços e experiências e assim como na primeira etapa, a estratégia concentra-se na diferenciação. Nessas duas fases, a abordagem está centrada no usuário e os resultados são mais tangíveis



do que nos níveis seguintes. No terceiro estágio, a ênfase está em criar significados e nesse ponto o Design Contra o Crime torna-se participativo. E por fim, a quarta etapa, a de maior complexidade, caracteriza-se pelo foco na promoção de mudanças, a intangibilidade é máxima e, nesse nível, o Design Contra o Crime torna-se colaborativo.

O centro de pesquisa liderado por Lorraine Gamman promoveu diversas ações que correlacionaram empatia e a prevenção de crimes. Gamman (2016) afirma que a empatia pode favorecer o estabelecimento de comunidades, em contraposição ao individualismo. Além disso, a pesquisadora defende que a empatia auxilia na prática de negociações, as quais são fundamentais para a resolução de conflitos entre pessoas.

Por sua vez, Krznic (2016) menciona a intervenção artística *A Mile in My Shoes*. Trata-se da instalação, em um local público, de um recinto no formato de uma caixa de sapatos. Dentro desse ambiente, o visitante encontra alguns pares de sapato, cada um disposto ao lado de um *ipod Shuffle* com fone de ouvido, sendo que cada dispositivo conta a história de alguém. Dessa forma, o visitante é convidado a ouvir a história e colocar-se no lugar dessa pessoa. Em inglês, a expressão *in your shoes* remete ao termo *colocar-se no lugar do outro*, em português. Segundo Nunes (2017), a intervenção artística de Krznic chegou ao Brasil em 2017 e ocorreu no Parque do Ibirapuera, na cidade de São Paulo.

No Brasil, o Instituto Promundo disponibiliza gratuitamente a cartilha “*Cuidar sem violência: todo mundo pode!*” que descreve diversas dinâmicas a serem aplicadas com famílias e comunidades, com o intuito de reduzir a violência. Sobre essa cartilha, o INSTITUTO PROMUNDO (2003, p.5) afirma que “O objetivo desta publicação é contribuir para a discussão sobre alternativas positivas de educação para filhos e filhas livres de violência, mesmo em comunidades consideradas violentas.” Em uma dessas dinâmicas, denominada Varal da Violência, o instituto convida os participantes a relatarem tanto a violência que sofrem como aquela que praticam (INSTITUTO PROMUNDO, 2003).

3. Métodos

Este trabalho foi concebido e aplicado por um graduando em Design Gráfico voluntário, sob orientação de duas professoras-pesquisadoras, sendo que uma delas incumbiu-se de orientá-lo diretamente e a outra encarregou-se da coordenação geral do projeto. O estudante procurou as professoras com o intuito de realizar iniciação científica e foi apresentado a um projeto em andamento, dedicado à prevenção do crime em escola pública por meio do Design de Produtos e do Design de Ambientes (desenvolvido por duas estudantes dos respectivos cursos). O discente identificou-se com a proposta e decidiu construir para o projeto a abordagem do Design Gráfico. O objeto de estudo foi uma instituição de ensino pública, de nível fundamental (alunos de 6 a 14 anos de idade), situada no município de Belo Horizonte, na qual havia casos de violência entre os estudantes, especialmente na faixa etária de 11 a 14 anos. Por se tratar de um trabalho sobre violência, o nome e o endereço da escola foram omitidos, por motivos éticos.



Inicialmente, o estudante leu as principais referências sobre o Design Contra o Crime, sendo os trabalhos de INSTITUTO PROMUNDO (2003) e Gamman (2022) as duas referências principais. Em seguida, ele realizou junto com a orientadora e com a graduanda em Design de Produto duas visitas à escola, sendo uma no turno da manhã e outra no turno da tarde, que são os dois horários de funcionamento da escola. Na ocasião, o aprendiz observou tanto o espaço físico quanto o comportamento das pessoas. Ao final da segunda visita, a orientadora e os dois estudantes discutiram possíveis ações para a prevenção do crime no educandário. Nessa reunião, o graduando mencionou a possibilidade de construir uma parceria com o professor-pesquisador chefe do laboratório de tipografia da universidade, ideia que foi aceita pelas professoras responsáveis pelo projeto. Portanto, o universitário contatou o professor-pesquisador da área de tipografia, o qual aceitou o convite.

Depois, o graduando elaborou a primeira versão do plano de ação. O mesmo foi discutido com a orientadora, que sugeriu melhorias. Posteriormente, agendou-se reunião para discutir a proposta com o professor parceiro, o qual também propôs melhorias no texto. Feitos os ajustes, o plano de ação foi enviado para a direção da escola objeto do estudo, para leitura prévia. No dia 18 de outubro de 2022, realizou-se um encontro no educandário, do qual participaram a diretora, a vice-diretora, a coordenadora pedagógica, a servidora responsável pela segurança da escola, a orientadora, o discente de Design Gráfico e a estudante de Design de Produtos. Nessa reunião as servidoras da instituição de ensino sugeriram melhorias no projeto, de modo a adequá-lo às especificidades locais.

Por sugestão das gestoras do educandário, as oficinas destinaram-se aos estudantes dos últimos anos do ensino fundamental (jovens entre 11 e 14 anos), pois era nesse grupo que se concentravam as ocorrências de violência. A vice-diretoria dispôs-se a escolher 2 estudantes de cada turma, um deles com comportamento considerado exemplar e outro com comportamento classificado como inadequado, para participarem das oficinas. Porém, tal critério não foi repassado aos estudantes. Como os *workshops* deveriam acontecer durante o horário das aulas, optou-se por aplicá-los a apenas alguns estudantes, em detrimento de todos, para não prejudicar demasiadamente as atividades docentes regulares. As gestoras recomendaram tal configuração, pois receavam que os estudantes não compareceriam em atividades fora do horário de aula. A ideia é que os 2 estudantes escolhidos poderiam influenciar seus respectivos grupos, tanto o grupo com bom comportamento, quanto o grupo com mau comportamento. Ademais, julgou-se que oportunizar o contato amigável desses dois estudantes distintos favoreceria a construção de uma cultura de paz dentro das respectivas turmas. A diretora também mencionou a possibilidade de integração com outro projeto da escola. Ela informou que poderia convidar um artista para realizar um graffiti na face interna de um dos muros da instituição. Tal intervenção poderia ser feita pelos estudantes e as palavras escolhidas para a obra poderiam ser inspiradas nas atividades realizadas durante o *workshop*.

O plano de ação continha duas oficinas. A primeira, visou promover a reflexão e o entrosamento empático entre os estudantes, bem como eles seriam estimulados a



reconhecer tanto a violência que sofriam quanto a que praticavam. A oficina consistiria na produção de cartazes pelos discentes, com frases criadas por eles sobre os tipos de violência identificadas. Para tal produção, o universitário propôs-se a ajudar os educandos, ensinando-os a usar ferramentas do design gráfico como: regras de composição, utilização das cores e organização hierárquica da informação. Os cartazes poderiam ter a função de advertir, informar, sensibilizar ou fazer ativismo. A segunda oficina teve como objetivo estimular a memória coletiva e afetiva com vistas à prevenção da violência na escola. Considerou-se que o uso de impressão tipográfica nessa fase poderia despertar a curiosidade dos participantes, visto que é um procedimento pouco conhecido na atualidade. Além disso, a oficina tornar-se-ia meio para divulgar a importância histórica da tipografia para a construção e a divulgação do pensamento *de e em* Minas Gerais. Dessa forma, buscou-se atar as pontas do passado e do presente, gerar identificação entre os participantes e o Estado do qual fazem parte, apresentar um método de elaboração e difusão de ideias na intenção de encorajá-los a buscar alternativas de expressão.

Desse modo, no dia 22 de novembro de 2022, por volta de 10hs da manhã, teve início a primeira oficina, com duração de cerca de 1 hora e 40 minutos. Estavam presentes cerca de 30 estudantes, bem como o discente de Design Gráfico, a orientadora e a vice-diretora da escola. Inicialmente, o acadêmico apresentou brevemente os pesquisadores, a universidade, os centros de pesquisa envolvidos e a proposta. Em seguida, pediu aos alunos que se apresentassem.

Em seguida, o universitário realizou a dinâmica Palavras da Violência. Dispostos em círculo, cada aluno recebeu 2 pedaços de papel em branco. Em um deles, foram convidados a escrever uma violência que sofreram. A proposta era que cada aluno comentasse sobre a palavra escolhida. No entanto, os participantes mostraram-se um pouco tímidos, portanto, esse procedimento foi rapidamente abortado. Em seguida, cada adolescente depositou seu papel em um saco colorido. Na sequência, os educandos procederam de modo similar com o segundo papel, porém, escrevendo nele uma violência da qual tinham sido autores. As palavras produzidas nesta dinâmica foram depositadas em outro saco colorido.

O próximo estágio consistiu em mostrar aos alunos a canção "Mlk 4tr3v1d0" do rapper Djonga. O intuito foi destacar a maneira pela qual o artista articulou as palavras para transmitir uma mensagem sobre respeito. Respeitar as origens do rap, respeitar a relevância desse ritmo para a cultura da periferia e utilizar o respeito como forma de resistência ao racismo (racismo que o próprio Djonga, como homem preto, está sujeito).

Na etapa seguinte, apresentou-se aos participantes alguns cartazes com impressão tipográfica, para que compreendessem o que seria feito na segunda oficina. Depois, foram formados 6 grupos, com 4 alunos cada. Cada grupo sorteou 1 palavra de cada saco colorido e, a partir dessas duas palavras, a equipe deveria produzir frases de prevenção à violência na escola. Tais frases deveriam compor rascunhos de cartazes, a serem produzidos com impressão tipográfica no próximo encontro.

Os discentes foram instruídos a considerar a comunidade escolar como público-alvo de seus cartazes. Durante a produção das frases, os oficinairos conversaram diretamente com cada equipe, de modo a auxiliar tanto na arte gráfica, quanto na reflexão sobre a mensagem que cada grupo gostaria de transmitir. Para essa atividade, disponibilizou-se aos participantes papel sulfite branco, lápis, borracha e canetas hidrográficas de diversas cores.

De posse dos cartazes feitos pelos estudantes na primeira oficina, o graduando foi ao laboratório de tipografia da universidade e, com a devida orientação do professor-pesquisador parceiro, selecionou os tipos móveis (letras em material metálico) e montou as matrizes para impressão tipográfica dos cartazes (Figura 1). Como o tempo para a realização da segunda oficina seria curto, foi necessário escolher algumas frases, de modo a levar o material previamente montado para a escola.



Figura 1: Graduando montando matriz tipográfica. Fonte: elaborado pelos autores.

Portanto, no dia 7 de dezembro de 2022, às 10hs da manhã, teve início a segunda oficina, com duração de cerca de 1 hora e 40 minutos. Havia 30 estudantes presentes, bem como o universitário, a orientadora, a vice-diretora e o professor-pesquisador parceiro. A equipe transportou duas prensas tipográficas do laboratório de tipografia da universidade e instalou-as em uma sala da escola. Além disso, os oficinairos levaram para o educandário papéis, tinta e rolo aplicador adequados para a realização das impressões manuais. Existe uma tinta específica para impressão tipográfica e, na ocasião, só se dispunha da cor verde escura. Porém, havia papéis coloridos, bem como tinta guache e canetas hidrográficas em diversas cores para que os alunos pudessem realizar intervenções artísticas em seus cartazes após a realização da impressão. Levou-se também uma guilhotina para corte dos papéis.

Inicialmente, o professor parceiro fez uma breve exposição sobre a história da impressão tipográfica em Minas Gerais, mencionando suas origens na cidade de Ouro Preto e sua importância enquanto um movimento de enfrentamento às limitações impostas por Portugal. Destacou-se também a importância da informação e da memória, bem como o papel da comunicação visual como meio de reflexão e de transmissão de ideias. Em seguida, ele apresentou as prensas tipográficas, os tipos móveis e as matrizes de impressão para os alunos.



A segunda etapa consistiu em ensinar os estudantes a realizarem a impressão manual, tomando-se os devidos cuidados relativos à segurança. Eles rapidamente entenderam o procedimento e imprimiram diversos cartazes. Após a impressão, alguns participantes realizaram intervenções artísticas sobre os cartazes produzidos. Finalizadas as atividades, o professor-pesquisador parceiro levou os equipamentos de volta ao laboratório de tipografia da universidade.

No dia 22 de maio de 2023 às 10hs da manhã, a orientadora reuniu-se com a vice-diretora na escola, para avaliar as oficinas e seu impacto na prevenção da violência. Infelizmente, não foi possível contar com a presença da diretora, uma vez que a mesma havia deixado a escola, sendo substituída por outro servidor. Tratou-se de uma conversa informal, no qual a orientadora procurou deixar a vice-diretora à vontade para expressar suas opiniões. No mesmo dia, foi entregue um breve questionário (em papel) a ser preenchido de forma anônima e voluntária pelos estudantes que participaram do *workshop*. O formulário possuía 6 questões objetivas e 2 questões dissertativas, totalizando 8 perguntas. A vice-diretora responsabilizou-se pela aplicação dos questionários, contudo advertiu que não conseguiria obter as respostas de todos os participantes, pois alguns deles havia deixado o educandário. Dentre os principais motivos para a ausência dos discentes estava o desligamento da instituição por mau comportamento e a formatura no último ano do ensino fundamental. Obteve-se 13 formulários preenchidos, isto é, respostas de 43% dos participantes do *workshop*. Na ocasião, o grafitti sobre a face interna do muro da escola estava concluído, o qual foi executado pelos participantes do *workshop* sob orientação dos artistas Thiago Ocelli Biaggio (Destro) e Luisa Santos. No dia 12 de junho de 2023 a orientadora foi à escola buscar os questionários preenchidos e posteriormente realizou o tratamento e a análise dos dados.

4. Resultados

O primeiro encontro foi um momento importante para criar laços afetivos entre osicineiros e os estudantes, bem como entre os próprios aprendizes. Desfeita a desconfiança e a resistência iniciais, os educandos mostraram-se bastante participativos. A Figura 2 mostra cartazes sendo produzidos pelos alunos no primeiro encontro. No segundo dia, os participantes produziram diversos cartazes e não apenas o mínimo de um por grupo, o que denotou entusiasmo. A Figura 3 mostra uma das produções dos aprendizes. Por sua vez, a Figura 4 mostra uma parte do grafitti produzido pelos participantes do *workshop* sob a coordenação dos artistas Thiago Ocelli Biaggio (Destro) e Luisa Santos.

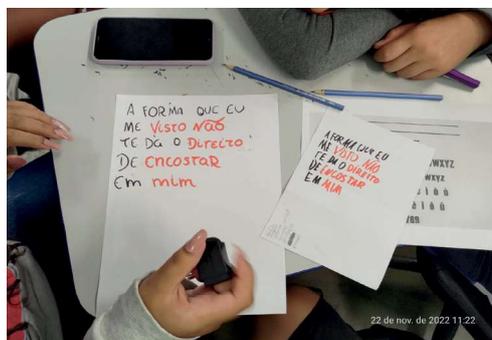


Figura 2: Frase para prevenção do assédio. Fonte: elaborado pelos autores.

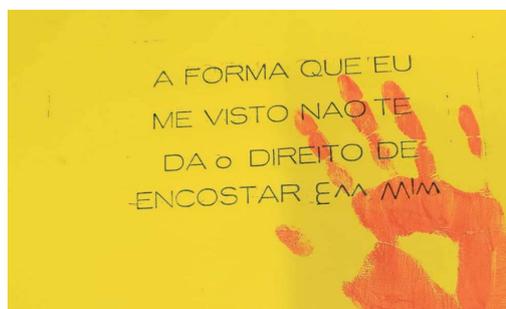


Figura 3: Impressão tipográfica com intervenção artística produzida por um estudante. Fonte: elaborado pelos autores.



Figura 4: Parte do grafitti sobre face interna do muro da escola produzido pelos estudantes sob orientação de Thiago Ocelli Biaggio (Destro) e Luísa Santos. Fonte: elaborado pelos autores.

No tocante aos questionários, convém destacar que as respostas representam, majoritariamente, a opinião do grupo de estudantes com bom comportamento. Quando questionados sobre o que estavam sentindo minutos antes da primeira oficina, 46% dos entrevistados afirmou estar curioso, 31% disse que estava animado, 15% mencionou preguiça e 8% afirmou sentir medo. Porém, quando questionados sobre os sentimentos imediatamente após a última oficina, 31% estava curioso, 54% estava animado, 15% sentia preguiça e ninguém assinalou a opção *com medo*. Nota-se portanto, um aumento da



porcentagem de estudantes animados, bem como uma redução da porcentagem de aprendizes curiosos e com medo.

Contudo, para a maioria dos entrevistados não houve alteração da violência na escola depois do *workshop* (54%), porém 46% acreditava que a violência diminuiu. Nenhum estudante indicou aumento da violência. Quando questionados sobre mudanças em si mesmo após a realização das oficinas a maioria (58%) afirmou que houve alteração. Dentre os que afirmaram ter modificado algo em si mesmo, 14% afirmou desejar saber mais sobre o assunto, 14% afirmou que reforçou em si a importância de interromper a violência e 71% demonstrou ter refletido sobre o assunto e/ou ter mudado de comportamento. Além disso, 57% dessas respostas indicaram empatia e enfrentamento não hostil da violência. Um estudante afirmou ter perdido o medo de protestar, bem como ter aprendido a combater o racismo com palavras.

Quando perguntados sobre sugestões de melhoria para oficinas futuras, notou-se o desejo de aprofundamento no tema e de atividades com maior interação social. Um dos entrevistados desejou discutir possíveis ações no caso de testemunhar uma agressão.

Na reunião do dia 2 de maio de 2023, a vice-diretora informou ter percebido uma redução na violência entre os estudantes, fato que ela atribuiu a dois fatores sinérgicos. Segundo ela, uma vez identificados casos de violência, os responsáveis pelos estudantes considerados autores (geralmente, suas mães) eram chamados a comparecer na escola, porém, muitas vezes tais adultos não atendiam a esse pedido. Nesse caso, a diretoria comunicava o Conselho Tutelar. Contudo, geralmente não havia resposta significativa do órgão. Porém, em 2022, ano de realização do *workshop*, os conselheiros apoiaram a escola de modo mais expressivo, comparecendo na residência das referidas mães. No entanto, mesmo após essa visita, havia aquelas que não atendiam ao chamado da direção da escola. Nesse caso, os conselheiros notificavam-nas para comparecer à escola, mas, dessa vez, para buscar a transferência de seus filhos para outra instituição de ensino. Segundo a vice-diretora, nesses casos, a escola não recomenda o estudante para outro educandário, cabendo ao responsável pelo menor encontrar vaga em outra instituição de ensino. A gestora destacou também a importância da atuação de duas supervisoras recém-chegadas, que impediram a entrada dos estudantes cujos responsáveis notificados não compareceram previamente à escola. Segundo a entrevistada, isso mostrou aos discentes considerados delinquentes que suas ações tinham consequências. Portanto, segundo a vice-diretora, o resultado imediato da atuação conjunta com o Conselho Tutelar foi a saída de grande parte dos infratores, enfraquecendo-se os grupos de estudantes com mau comportamento.

Quando questionada se transferir os estudantes violentos seria apenas transferir o problema para outra escola, a gestora discordou. Ela informou que, há algum tempo atrás, o educandário trocou um aluno problemático por outro, oriundo de outra instituição de ensino, o que reduziu a ocorrência de infrações. Segundo ela, um aluno agressivo, quando chega em uma escola desconhecida, sente-se um tanto quanto desconfortável para burlar as regras, uma vez que perdeu o reforço do grupo ao qual pertencia na escola de origem.



O segundo fator que, segundo ela, reduziu a violência entre os discentes foi a mudança de postura dos estudantes considerados com bom comportamento. Após as oficinas, eles sentiram-se fortalecidos e passaram a pressionar os poucos infratores que restaram, em casos nos quais poderiam sofrer punições injustas. Como exemplo, a gestora cita o de furto de canetas ocorrido dentro de uma sala de aula. Na ocasião, ela foi chamada e informou à turma que, enquanto as canetas furtadas não aparecessem, ninguém iria para casa. Então, ela ouviu alguns jovens reclamando e, poucos minutos depois, as canetas apareceram em um canto da sala. A vice-diretora associou o *workshop* a essa nova postura dos discentes com bom comportamento.

5. Considerações Finais

Este trabalho dedicou-se a responder a seguinte pergunta-problema: como o Design Gráfico poderia contribuir para a prevenção da violência em uma escola pública? Os resultados apontam que o Design Gráfico pode contribuir criando e/ou fortalecendo as redes de apoio para prevenção da violência. O projeto estimulou reflexões e novos comportamentos na comunidade escolar, combatendo o medo e a apatia. Em um primeiro momento, criou-se a rede de apoio entre os próprios pesquisadores e a direção da escola. Em um segundo momento, a direção da escola fortaleceu seu vínculo com o Conselho Tutelar. E, por fim, estreitaram-se os vínculos entre os próprios estudantes, que se sentiram fortalecidos para se levantarem contra a violência, seja com palavras, seja com novos comportamentos.

6. Agradecimentos

Agradecemos às docentes Patrícia Rodrigues Martinez e Danielle Lagares Bicalho; aos artistas Thiago Ocelli Biaggio (Destro) e Luisa Santos e ao Programa Institucional de Apoio à Pesquisa da Universidade do Estado de Minas Gerais, o qual, por meio do Edital 01/2022, forneceu aporte financeiro a este projeto.

Referências

AGÊNCIA SENADO. **Violência nas escolas: especialistas reforçam importância de acolhimento de estudantes**. Brasília, 8 jun. 2022. Senado notícias. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/06/08/violencia-nas-escolas-especialistas-reforcam-importancia-de-acolhimento-de-estudantes>. Acesso em 02 mai.2023.

CASTELLI, A. V. Design Contra o Crime: uma oportunidade para a indústria do Paraná. In: BONDARUK, R. L. **Design Contra o Crime: Prevenção Situacional do Delito através do Design de Produto**. Curitiba: FIEP, 2008.

GAMMAN, L. **Why Focus on Empathy?** [S./I], 15 fev. 2016. 1 vídeo (35min52s). Palestra gravada em vídeo e disponibilizada no canal Design Against Crime da plataforma Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0wXgjcY3C8o&t=1370s>. Acesso em 24 mai. 2023.



GAMMAN, L. **Reviewing “Safer Streets”**: History, Theory and Practice + New Design Directions for Social Designers regarding VAWG. [S.l.], 24 fev. 2022. Palestra BAPD em apoio ao Clear Channel Client Project Brief. Recebido por e-mail em 28 mar. 2022.

INSTITUTO PROMUNDO. **Cuidar sem violência: todo mundo pode!** : Guia prático para famílias e comunidades. Rio de Janeiro: Instituto Promundo, 2003. Disponível em: <https://promundo.org.br/recursos/cuidar-sem-violencia-todo-mundo-pode/> . Acesso em 24 mai. 2023.

KRZNARIC, R. **Empathy Low Res.** [S.l.], 10 de maio de 2016. 1 vídeo (1h27min50s). Palestra gravada em vídeo e disponibilizada no canal Design Against Crime da plataforma Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=j7TwpvSiQ58&t=148s> . Acesso em 10 mar. 2023.

NUNES, M. **“Museu da Empatia” Chega a São Paulo: coloque-se no lugar do outro calçando seus sapatos.** [S.l.], 13 de nov. De 2017. Reportagem do website Conexão Planeta. Disponível em: <https://conexaoplaneta.com.br/blog/museu-da-empatia-chega-a-sao#paulo-coloque-se-no-lugar-do-outro-calcando-seus-sapatos/> . Acesso em 20 mar. 2023.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS BRASIL. **Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil: Paz, Justiça e Instituições Eficazes.** [S.l.], 2023. Publicação em website. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/16> . Acesso em 12 de abr. de 2023.

SILVA, E. H. B.; NEGREIROS, F. Violência nas escolas públicas brasileiras: uma revisão sistemática da literatura. **Revista da Associação Brasileira de Psicopedagogia**, São Paulo, v. 37, n.114, p. 327-340, 2020. Disponível em: <https://www.revistapsicopedagogia.com.br/detalhes/647/violencia-nas-escolas-publicas-brasileiras--uma-revisao-sistemica-da-literatura> . Acesso em 02 mai.2023.

SILVA, G. C.; DA ROSA, P.C.; FRAGA, P.G.R. BERNARDES, M.M.S. BRUSCATO, U. M.TONETTO, L.VAN DER LINDER, J.C.S. Design Contra o Crime: as diversas formações do pesquisador atuante na área. *In*: VAN DER LINDEN, J. C. S. BRUSCATO, U. M.; BERNARDES, M.M.S. (Orgs.). **Design em Pesquisa**, vol. 12, Porto Alegre: Marcavizual, 2018. p 17-32.